

ARTE INDÍGENA E CULTURA MATERIAL: povos indígenas de Goiás

Bruna Rodrigues Carneiro¹ (PIBIC/CNPq) brunacarneiro.96@hotmail.com

Poliene Bicalho dos Santos Soares (PQ)

Campus de Ciências Sócio- Econômicas e Humanas

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek, 146

Bairro: Jundiá

CEP: 75110-390

Cidade: Anápolis – GO

RESUMO

A cultura material indígena é bastante rica e diversa, cada etnia representa a sua singularidade na produção da cultura material. A cultura material pode ser vista nos traços, símbolos e desenhos do artesanato em geral, nos diferentes trançados dos cestos de palha e nas construções de suas moradias e aldeias. A arte indígena está totalmente relacionada com a vida cotidiana e com os rituais, é uma das principais expressões da diversidade indígena e é o que torna cada grupo diferente e específico. Contudo, diante da enorme diversidade de culturas indígenas no Brasil, é impossível estabelecer um padrão, ou fazer generalizações, pois cada povo tem seu próprio universo de concepções. A produção de variados objetos da cultura material indígena, como ferramentas, instrumentos, utensílios e ornamentos, com os quais um grupo humano busca facilitar sua sobrevivência, está ligada à escolha e utilização das matérias-primas disponíveis; ao desenvolvimento da técnica adequada de artesanato; às atividades envolvidas na exploração do ambiente e na adaptação ecológica; à utilidade e finalidade prática dos objetos e instrumentos produzidos.

Palavras-chave: Cultura. Arte. Indígenas. Goiás.

Introdução

O patrimônio cultural de um povo não está somente ligado a elementos da cultura material, mas também através de manifestações da cultura imaterial. A noção de cultura material pode ser aplicada a quase todas as produções humanas. A cultura material indígena não diferente das outras, é uma maneira daquele povo representar a sua singularidade, representada na arte plumária, nas pinturas corporais, na cerâmica, na música, na dança, entre outros meios. Devido à colonização, a ação da catequese e a intensa miscigenação, atualmente, das etnias indígenas que sobreviveram, poucas conseguem manter parte de sua cultura original.

A atual população indígena brasileira, segundo dados do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, é de 896,9 mil indígenas. De acordo com a pesquisa, foram identificadas 305 etnias, das quais a maior é a Tikúna, com 6,8% da população indígena. Também foram reconhecidas 274 línguas. Dos indígenas com 5 anos ou mais de idade, 37,4% falavam

uma língua indígena e 76,9% falavam português. (<http://www.brasil.gov.br/governo/2015/04/populacao-indigena-no-brasil-e-de-896-9-mil>).

O conceito de arte é estranho aos índios, uma vez que os povos indígenas não têm uma palavra que designe “arte”. Mesmo assim, os objetos indígenas exercem fascínio na civilização ocidental desde quando esta entrou em contato com os povos indígenas, até então desconhecidos. Esses objetos artísticos são dotados de simbologias, sejam elas sociais ou ritualísticas, de caráter sobrenatural e sagrado.

Os objetos confeccionados pelas culturas indígenas não são considerados “arte” pelos seus produtores, tais objetos são vistos apenas como instrumentos para o uso cotidiano ou ritual. Segundo Lagrou (2005, p. 70 *apud* VELTHEM, 2010, p. 23),

Nas sociedades indígenas os esforços criativos alcançam muitos domínios, pois o campo abrangido pela “arte” é amplo e se expressa de diferentes formas, das mais efêmeras pinturas corporais às duradouras edificações, incluindo artefatos de uso cotidiano e ritual, manifestações performáticas e musicais. Os artefatos e os grafismos, em particular, materializam redes de interação complexas, condensando laços, ações, emoções, significados e sentidos.

A arte é uma categoria criada pelo homem ocidental, e mesmo entre eles não há um consenso do que é e do que não é arte; sendo assim, este é um assunto complexo, principalmente quando se fala em arte indígena, já que muitos defendem que o indígena simplesmente pratica o artesanato, e que este apenas reproduz padrões tradicionais sem criar nada novo. Há ainda uma definição para diferenciar arte de artefato, a partir da qual se entende que a arte serve à contemplação e os artefatos são objetos produzidos para serem usados.

A cultura material de uma sociedade é intimamente influenciada pelo meio e pelos materiais disponíveis para se criar objetos e, no caso dos indígenas, não é diferente.

Material e Métodos

O presente trabalho propôs identificar a cultura material das etnias indígenas, através das indumentárias (plumárias, pinturas), cestarias, bonecos

artesanais etc. Este propósito foi alcançado através das leituras e análises do material bibliográfico e iconográfico relacionado à cultura e a arte indígena.

Resultados e Discussão

A cultura material indígena é bastante rica, diversa e indiscutivelmente singular uma da outra, seja no estilo do trançado dos cestos, nos ingredientes para a pintura, ou no estilo da dança. Nota-se uma riqueza de detalhes que faz com que cada etnia transmita a sua essência através da sua cultura material. Toda essa produção material é vista pelos indígenas apenas como instrumentos de uso rotineiro, cada objeto tem sua função, seja utilitário, ornamental ou ritualístico.

A etnia Karajá vive há séculos nas margens do rio Araguaia, nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, estes mantêm alguns costumes tradicionais do grupo, como: língua nativa, as famosas bonecas de cerâmicas, rituais como o da Festa de Aruanã, enfeites plumários, artesanato e pinturas corporais características do grupo, como os dois círculos na face. A cultura material Karajá se desenvolve em diferentes categorias, sendo elas tecelagem, cerâmica, adornos plumários, entre outros. “As tribos dos cerrados têm uma nítida propensão para peças majestosas montadas em armações rígidas e sua característica principal é suntuosidade cenográfica” (RIBEIRO, 1986, p. 55).

A arte plumária Karajá é bem elaborada e tem uma ligação direta com os rituais, porém, esta arte vem sendo reduzida em sua variedade, devido a dificuldade na captura das aves ou na quase extinção das mesmas, mas ainda permanecem alguns enfeites essenciais nos rituais, como o lori lori e o aheto que é bastante utilizado no ritual de iniciação dos meninos .

A cestaria na cultura Karajá é praticada por homens e mulheres, “apresenta motivos trançados inspirados na fauna, como partes do corpo dos animais” (TAVEIRA, 1982, s/p). Já a cerâmica é uma atividade exclusiva das mulheres, estas fazem utensílios para utilidade doméstica, como potes e pratos; para fins ritualísticos; e até bonecas com temas mitológicos, que são artigos de grande interesse para turistas que visitam as aldeias Karajá, porém, essas bonecas não são meramente para fins lucrativos, elas portam significação cultural, comunicando os

valores do grupo e ocupando a tarefa de ensinar as crianças os sentidos da cultura em que estão inseridos.

A cerâmica indígena mais conhecida atualmente no Brasil é a das oleiras Karajá, principalmente suas famosas "bonecas" ou litxokó, antigamente simples brinquedos de criança. Modeladas em barro cru representam, principalmente, a figura humana Karajá com seus atributos culturais típicos: a tatuagem de um círculo de baixo dos olhos, os brincos de rosetas de plumas, o labrete masculino e a tanga de embira feminina. (RIBEIRO, 1989, s/p)

A pintura corporal Karajá tem como base os elementos da natureza, e a pele dos animais existentes na região em que estes habitam. Geralmente, essas pinturas são feitas utilizando o sumo de jenipapo, urucum e fuligem de carvão. Podemos dizer que a marca étnica deste grupo são os dois círculos desenhados na face, logo abaixo dos olhos.

O menino Karajá, quando deixa a infância, tem que participar de Hetohoky e usar pintura corporal.

Quando ele participa da festa pela primeira vez, ele pinta o corpo inteiro com tinta de jenipapo e raspa a cabeça. Então, o menino fica conhecido *como jyre* por causa da pintura e do cabelo. Dessa forma, o pessoal sabe que ele está participando da festa e não o consideraram mais *weryry* 'menino'. Ele é considerado *jyre* 'menino jovem'. A pintura significa 'pintura de ariranha'.

Naquele período em que o *jyre* está todo pintado de preto e o cabelo ainda não cresceu, ele tem uma função: enquanto os homens estão na casa de Hetohoky, *jyre* faz tudo para os mais velhos: busca água, lenha, comida, etc. As mulheres da aldeia mandam recado para os homens através do *jyre* (SINVALDO KARAJÁ in POLECK, 1994, p.16).

A arte indígena quase sempre tem a finalidade de ser utilizada como um artefato e é dotada de um significado mais prático, não apenas para ser visto e apreciado. A sensibilidade dos índios, assim como a capacidade de eles saberem e distinguirem o que é beleza, é bastante visível. Seus objetos decorados e entalhados, suas cerâmicas e cestarias, os ornamentos corporais, as pinturas, as músicas, as danças, os instrumentos musicais, todos eles têm funções específicas bem definidas.

Vivendo a vida indígena e tratando de colecionar objetos com propósitos museológicos, sentimos a estranheza que provocava nos índios a nossa ocupação. Para eles, retirar aquelas coisas do uso corrente e retê-las seria como perder a fé de que os homens sejam capazes de continuar a fazê-las. O importante para os índios não é deter o objeto belo, mas ter os artistas ali, fazendo e refazendo a beleza, hoje como ontem, amanhã e sempre. Essa certeza de que a vida está composta de coisas que têm tanto potencialidades práticas como expressões de beleza, lhes dá uma grande segurança. Segurança que não temos nós que tanto colecionamos

espécimes raros, como desprezamos seus criadores. (RIBEIRO, 1986, p. 30)

Entre as culturas indígenas não existe um contexto específico para dizer o que é arte e o que não é; em outras palavras, não existe um “mundo da arte”, pois, para os indígenas não existe a arte como atividade diferenciada da produção de objetos úteis; portanto, quem entende a arte indígena como arte somos nós, e não eles.

Considerações Finais

A arte indígena está intimamente relacionada com a vida cotidiana e com os rituais, esta faz com que cada grupo indígena possa mostrar a sua singularidade. Dentro da enorme diversidade de culturas indígenas no Brasil, é impossível estabelecer um padrão, ou fazer generalizações, pois cada povo tem seu próprio universo de concepções e crenças. Não nos cabe aqui dizer o que é ou não é arte, mas sim mostrar a grande produção artística indígena existente em Goiás e o quanto esta é rica e diversificada, e mostrar também a dimensão do patrimônio cultural das sociedades indígenas, sendo ele material ou imaterial.

Agradecimentos

Agradeço a UEG e ao CNPq por me concederem a bolsa (PIBIC/CNPq), e por terem nos proporcionado tal experiência de pesquisar e produzir conhecimento. Também agradeço à Prof^a. Dra. Poliene Soares dos Santos Bicalho, pela oportunidade e por ter nos ajudado ao longo desta pesquisa.

Referências

GALLOIS, DominiqiTilkin (Org.). **Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas: Exemplos no Amapá e norte do Pará**. Iepé, 2006.

LAGROU, E. **Arte Indígena: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

LAGROU, E. **Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas**. IN: Proa – Revista de Antropologia e Arte [on-line]. Ano 02, vol. 01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/DebatesII/pdfs/elslagrou.pdf>, acesso em: 22/03/2016.

MANUEL FERREIRA LIMA FILHO. **Karajá**. Goiânia, 1999. Instituto socioambiental | povos indígenas no brasil. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBTRIBOKARAJA.html>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

RIBEIRO, Darcy. **Arte índia**. 1986. In Ribeiro, Darcy (editor), *Suma Etnológica Brasileira*, Vol. 3: Arte índia, p. 29-64. Vozes, Finep.

TORAL, André Amaral de. **Cosmologia e Sociedade Karajá**. Rio de Janeiro: 1992.

SILVA, Aracy Lopes. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Orgs.) **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus** / Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIDAL, Lux. **Grafismo Indígena**. São Paulo: Studio Nobel 1992.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos. Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 55-66, 2010.